



Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta

Editor: Dr. Tomaz da Rosa

Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

Redactores — C. Montz, J. Ferreira, M. Frayão, L. Fraga, Alzira Serpa, Ivone Neves, Gabriela Silva e Virginia Beatriz

Chefe do Núcleo
 H. COSTA RITA

Orientador
 P.º JÚLIO DA ROSA

Administrador
 JOÃO PIRES

Adeus Amigas

Depois de 3 anos no «Arauto» chegou a hora de nos despedir-nos. Não é sem uma certa pena que o fazemos. Aqui aprendemos muito, passámos bons momentos, fizemos amizades, enfim escrevemos uma página da nossa vida que será sempre relida com saudade.

Lembrar-nos emos sempre do Liceu Nacional da Horta e das quatro páginas impressas que têm um nome bastante significativo — «Arauto».

Arauto que faz eco do pensar e sentir dos alunos do nosso Liceu e que por isso deve continuar a rota traçada.

Devemos compenetrar-nos de que o nosso jornal para além de órgão de cultura e recreio, elo de união entre o nosso Liceu e outros, é muito mais do que isso: é a expressão real da nossa capacidade de trabalho, da nossa vivência em comunidade, da comunhão mútua de alegrias e frustrações, que são o pão nosso quotidiano de todos nós.

Pouco temos a pedir: continuem com o «Arauto» melhorem-no, dêem-lhe mais comunicabilidades, enfim vós é que sabeis os vossos desejos.

Fizémos tudo o que estava ao nosso alcance para apresentar um jornal que num só número tivesse artigos que agradassem a todos.

Concerteza não o conseguimos contudo, desejamos ardentemente que quem nos vier substituir o consiga.

Posto isto resta-nos agradecer a todos os que, de um modo ou doutro colaboraram connosco.

Para esses, que são muitos, pelo que se torna difícil fazer distinções ou citar nomes, aqui fica o nosso sincero obrigado.

C. R.

Encontro Inesperado

Encontrei-o um dia, por acaso. Na tarde daquele Sábado, dei completa liberdade às pernas, e livre curso aos pensamentos. Caminhava, distraída, ou talvez absorvida em íntimas reflexões, quando, de súbito, o vi, na minha frente.

Impressionou-me. Não sei porquê. Talvez a pobreza

das suas vestes, ou os olhos tristes, ausentes...

— Olá — sorri-lhe, parando junto dele.

Fixou-me, meio assustado. Fêz um gesto para fugir, mas eu tranquilizei-o:

— Não te faço mal.

Hesitou, receoso. O meu sorriso deve ter-lhe dado confiança, visto que ficou.

Observei o rosto infantil, no qual os olhos refulgiam como duas preciosas esmeraldas. Era lindo, na verdade... mas o seu corpito muito magro, mal estava coberto e os seus pés descalços, tinham feridas.

Senti uma profunda simpatia por aquele menino, que parecia abandonado à sua pobreza.

— Não brincas? — tentei meter conversa.

Mas não obtive resposta.

— Porque não brincas com os outros meninos? — e apontei os que corriam, além.

— Não quero — respondeu um pouco tímido.

— Estás só... não tens irmãos?

— Não.

— Mas tens pai, certamente — disse, à maneira de pergunta.

— Tenho medo dele.

Não posso negar que fiquei surpreendida. Medo do pai! E, sobretudo, a expressão do seu rosto, e o tom da sua voz, fizeram-me crer que aquele homem devia ser um monstro.

Pousei-lhe uma mão no ombro.

— Bate-te?

— Com uma corda grossa... tenho medo — e os

(Conclui na 3.ª página)

SÃO JORGE

Encontramo-nos no seio do Atlântico, debruçamo-nos sobre uma das nove ilhas do arquipélago açoriano — A brisa marinha ainda a acariciar-nos o rosto, estranhas formas e pensamentos nos ocorrem...



Lembramo-nos dos destemidos aventureiros que pela primeira vez pisaram o chão jorgense, aos ouvidos soam ainda as suas vozes, o barulho das velas e suas manobras, mas deixemos de divagar...

S. Jorge uma das ilhas mais ricas e belas dos Açores, como todas de origem vulcânica, sendo o seu ponto culminante o Pico da

Esperança, por cima das Manadas, aonde se desfruta uma bela vista das ilhas.

Baixando nas fajãs muito frequentes nos Açores, levantando-se em encostas abruptas e majestosas dum beleza inolvidável.

A sua maior actividade é a agricultura, criação de gado que exporta para a capital, lacticínios, o seu famoso queijo que tem nome firmado no estrangeiro. E, como em todas as ilhas a pesca é uma das funções fundamentais e mais vulgares, as suas costas são riquíssimas; desde o peixe miúdo ao atum, que é pescado pelas

(Conclui na 3.ª página)

QUEM ÉS?

Conhece-te a ti mesmo

Existia no templo de Delos na Antiga Grécia uma inscrição que se tornou famosa através dos tempos:

«Conhece-te a ti mesmo»

Aquele que se conhece é forte e sabe proceder em todas as circunstâncias — sabe como conseguir vitórias e derrotas.

Para conhecer-se, o homem tem necessidade de meditar, observar, investigar o seu «EU», com o objectivo de descobrir realidades que não aparecem à superfície.

Conhecer-se, não quer dizer apenas observar o seu modo de ser, de pensar, de agir. O verdadeiro conhecimento é de carácter activo e traduz-se em realizações. Não se deve utilizar esse conhecimento apenas com o fim único de «conhecer», mas para se conseguir maior desenvolvimento maior progresso.

Conhecer-se, é antecipar as necessidades, actuar-se num plano mais produtivo, dedicar-se com maior entusiasmo a empreendimentos de ordem superior.

Tens um nome e determinadas características físicas que te distinguem das outras pessoas. Possuis algumas particularidades que te conferem certa ascendência sobre muitos indivíduos. Já te disseram mesmo que tens grandes qualidades. Teus amigos lisonjeiam-te e os teus inimigos desprezam-te.

Mas... «QUEM ÉS?»
Que sabes de ti mesmo?
Que qualidades possuis?
Que poder possui a tua mente e suas faculdades intelectuais? Tens plena consciência de tuas forças? Podes definir fielmente a tua personalidade?

Se não sabes responder a essas perguntas é porque

és um estranho para ti mesmo e muitos dos teus receios, das tuas tristezas, angústias e fracassos, têm sua origem, não nas circunstâncias ou na adversidade, mas em ti mesmo, no incógnito atrás do qual se esconde a tua personalidade real, em tua negligência em conhecer-te, em estudar-te. Que predomina em ti? A decisão ou a indecisão? Quando te propões a realizar qualquer coisa, levas até ao fim esse propósito? Avanças ou te empurram?

Dentro de cada indivíduo, esperando uma ordem, existem forças capazes de transformá-lo instatâneamente. Forças que podem mudar inteiramente a sua vida, que podem abrir-lhe novos caminhos, que podem dar-lhe fama, fortuna, confiança em si mesma, espírito de luta inquebrável. Tais forças, só entram em acção quando o homem se conhece. E oferecer ao homem facilidade para esse conhecimento de si mesmo, é a finalidade do livro. Muitos e muitos livros tem sido escritos para ensinar ao homem o caminho desse conhecimento de si mesmo, mas apesar de tudo, o homem continuará sendo um grande desconhecido, não só para si próprio como indivíduo, mas como espécie para a própria ciência.

A filosofia tem procurado, através dos séculos, cumprir esse mandamento milenar, tornando-se um axioma de que o homem que se conhece, é mais forte e mais poderoso.

Portanto, não esperes nem vaciles.

«CONHECE-TE A TI MESMO, E VIVERÁS MELHOR.»

M. Flores
(Brasileira)

Serão na minha aldeia

Num serão na minha aldeia o vento assobiava por entre as frinchas da porta.

A chuva caía sem cessar, tamborilhando no peitoril das janelas.

A porta soava nos gonzos e entravam as pessoas de família, aconchegadas nos seus grossos casacos de veludo escuro, ou nos seus xales pretos.

— Está aí um frio de gelar os ossos!

— É entrar, é entrar, a noite está pavorental!

As mulheres sentavam-se em cima da larga esteira, estendida no chão, e começavam a fazer renda.

Os homens, com seus casacos sobre os ombros sentavam-se em toscos bancos de pinheiro e conversavam sobre a lavoura.

No lar ainda luziam algumas brazas semi-ocultas pela cinza da lareira.

Balada para um homem

Ô vento
leva p'ra longe
esta canção
que eu canto
num lamento
num pranto
num momento
em que o coração
chora cantando
canta chorando
morre sofrendo
morre sorrindo
É a canção do amor
É a canção da vida
É a canção do ódio
de quem pensa em amor
É a canção da morte
de quem pensa na vida

Ô vento era um homem de barbas crescidas.

Era um homem de aspirações decididas.

Aspecto sólido — carácter puro.

Sorriso amável — querer duro.

Ô vento ele tinha um destino incerto,
mas levava um coração sempre aberto

Ô vento ele trazia espinparda ao ombro.

E ás vezes matava... sim, matava!

Depois talvez chorava,

talvez, cuspi,

Ô vento ou talvez dizia

qualquer coisa para sossegar o coração estremecido.

Um dia mataram-no, vento,

E não esteve morto um só momento.

Não morreu crucificado.

Morreu fuzilado.

Ô vento foram seis balas.

Foram seis balas e ficou vivo

De vez em quando, um clarão iluminava a noite e logo era seguido por um estrondo.

A garrafa de aguardente passava de boca em boca, e a fisionomia das pessoas

(Conclui na 3.ª página)

Do TEATRO...

Realizou-se no passado dia 29 de Abril no nosso liceu um espectáculo de estudantes, no qual uma peça de teatro foi apresentada.

O seu autor Eugénio Ionesco e tinha por nome, «A Cantora Careca».

Peça difícil, foi interpretada por alunos que na medida do possível deram o seu melhor, na expressão dos altos ideais que esta visava.

A peça em si era uma comédia e como todas as comédias, ela tinha um fim crítico. Crítica a maneira de viver mediocre dos burgueses. Uma vida vazia e cheia de contrasensos, na qual os indivíduos não passam de autómatos, convivendo uns com os outros durante anos e não se conhecendo.

Foi o encenador desta peça o Sr. António Duarte que muito bem levou a cabo tão árdua tarefa.

Apesar do tempo perdido que afinal não o foi, valeu a pena porque para além do agrado da parte do público, provou-se que na Horta as velhas tradições teatrais são continuadas pelos jovens de hoje.

M. F.

(Conclusão da 1.ª página)

traineiras que cruzam os mares açorianos e, é com alegria que as vemos navegar. Há duas fábricas de peixe na Calheta, que é uma Vila essencialmente industrial, centro piscatório de vulto que se localiza nas tão típicas fajãs, característica açoriana.

Temos a Vila das Velas capital Jorgense como lhe chamam, florescente à beira-mar, as suas casinhas trepando a encosta agreste reflectindo o último raio de sol que lhe sorri. Com o seu cais onde agora acostam os navios, que foi um acontecimento de vulto e um grande melhoramento para a ilha. Encontramos o extermato, obra de grande mérito e agora o ginásio há pouco concluído que facilita os estudos a todos que o desejam. Em construção o Palácio da Justiça obra grandiosa e muito discutida. Temos a Delegação Marítima, Guarda Fiscal, Polícia, Correio, o seu Hospital virado para o mar com uma aparelhagem muito moderna. Tudo construído pós-abalos.

Passemos aos campos, às belas terras que vemos da estrada, terrenos muito produtivos. Rosais uma das mais ricas freguesias e Ponta da Ilha, com o seu farol, guia dos barcos, costa propícia para a pesca, que é procurada não só pelo profissional como pelo amador em férias que passa umas horas divertidas. Aproximamo-nos da cinta jorgense — Urzelina, aldeia bela florindo entre o arvoredo e o verdejante da paisagem, contrastando com o azul do mar que a banha é a freguesia mais bonita e com ares aristocráticos. Soerguendo-se no Pico do Fogo, teatro duma das maiores erupções vulcânicas, que destruiu a freguesia, ficando-nos um vestígio, a Torre Velha da Urzelina que se encontra em propriedade particular, e é muito visitada e fotografada por turistas. Caminhemos para o Norte, uma série de fajãs se encontram. Cada uma nos reserva um atractivo diferente, a do Ouvidor, a dos Cubres

com as suas lagoas, duma beleza incrível, e a seguir a de Santo Cristo debaixo duma rocha a pique com um ar de majestade, onde se encontra a lagoa que está em comunicação com o mar, na qual existem as afamadas ameijoas, muito apreciadas e que são só deste sítio, visto a salinidade destas águas lhe ser propícia. Se quereis viver um dia entre a Natureza, plenamente com ela, tendes as maiores belezas naturais, a sua Furna que vale a pena ser visitada e tantas outras belezas selvagens que fazem destas ilhas um atractivo para passar umas férias e futuro ponto de turismo. O seu campo de aviação já projectado na Queimada, com alguns terrenos e subsídios doados faltando somente a primeira pedra que será brevemente lançada.

As hortênsias que enchem as estradas na época estival que levam o colorido e a alegria ao panorama.

O povo jorgense é hospitaleiro e afável e sabe receber o visitante. Com as suas modas regionais, os seus bailhos e chamarritas, que é pena deixar-se perder. As suas tão características festas do Espírito Santo e o seu apego à terra Natal.

Quantos e quantos emigraram para terra estrangeira, mas no fundo do seu coração existe a saudade da sua aldeia.

Ribeira Seca berço do grande músico e maestro que foi Francisco de Lacerda cuja estátua se encontra no jardim da Calheta, justa homenagem ao nosso grande conterrâneo que se distinguiu com honra no estrangeiro.

No Topo antiga Vila cheia da tradições, termina a ilha de S. Jorge. Muito mais haveria a dizer. Quero somente dar uma ideia geral, senão muito restrita, porque nunca mais acabaria.

S. Jorge pequena ilha — Paraíso perdido no seio do Atlântico duma beleza profunda, é com tristeza que se vê ao longe a linha da costa e com certeza levareis saudades na alma. **Vima**

(Conclusão da 1.ª página)

seus olhos abriram-se muito, assustados.

— Onde moras? — perguntei, disposta a ir levá-lo a casa e conhecer aquela família infeliz.

O miúdo deve ter percebido a minha intenção, porque se apressou a dizer:

— Não quero ir para casa... não quero.

— Porquê?

— Tenho medo... o pai bate-me.

— É a tua mãe?

— A mãe foi embora — e nos seus lindos olhos surgiram duas lágrimas.

— Para onde?

— Não sei. Quero ir com ela... não quero ficar com ele.

— Quando é que a tua mãe foi embora?

— Hoje.

— Voltará, com certeza.

Abanou a cabeça, tristemente:

— A mãe não volta. Ela disse. O pai batia-lhe muito. A mãe chorava... o pai dizia que ela era má... e a mãe chorava... e abraçava-me... mas foi-se embora e deixou-me. E disse que não voltava. Mas eu quero ir com ela.

Senti os olhos húmidos. Num impulso abracei com ternura a criança infeliz, pobre vítima dos erros dos adultos, e as minhas lágrimas confundiram-se com as dele.

— Gostas muito da tua mãe?

— Muito, muito.

Serão na minha aldeia

(Conclusão da 2.ª página)

iluminava-se num largo sorriso, que denunciava aconchego.

A lamparina de petróleo bruxeleava em cima duma cadeira, concentrada no meio do aposento, para que chegasse uma réstia de luz a todos os circunstantes.

E o serão continuava... continuava pela noite fora...

A chuva cessara de cair, e ouvia-se a ressaca do mar, lá na costa, projectando-se com fragor contra os rochedos alcantilados.

Uma rajada de vento estremecia com a porta, e o serão continuava...

— É boa para ti?

— É. O pai diz que é má, mas é mentira. É boa. Conta-me muitas histórias e abraça-me e dá-me beijos.

— E o teu pai?

— O pai não brinca, nem conta histórias. Bate-me e diz que eu sou mau, que a mãe é má... o pai não diz a verdade.

Acaricie-lhe os cabelos negros e sorri-lhe, como a dar-lhe coragem. As suas lágrimas inocentes comoviam-me. Causava-me dor o sofrimento daquele pobre menino, desprotegido, entregue à tirania de um pai desprezível, que nem merecia esse nome, e sem o calor, a ternura, a presença carinhosa da mãe, que o tinha abandonado, sabe Deus em que circunstâncias.

Porquê? Porque não há mais piedade para com os pobres inocentes? É uma interrogação para a qual não encontro resposta, Porque não há mais Amor? Que os homens não o dêem uns aos outros, é condenável, mas que o neguem aos seus próprios filhos, é criminoso.

— Quero a mãe...

Os seus soluços dilaceravam-me a alma, mas não podia dar-lhe o que ele mais ambicionava, o maior de todos os bens: a sua mãe.

De repente, e sem que eu o conseguisse evitar, escapou-se-me dos braços e, correndo, desapareceu na próxima esquina.

Fiquei ali, pensando na maldade dos homens, e revoltei-me ao reparar no que essa maldade, essa falta de amor, do sentido da responsabilidade, essa falta de todas as qualidades humanas e indispensáveis, prejudicam as crianças, não só na sua infância, mas também, e ainda mais, na adolescência e juventude, marcando-as para sempre, e fazendo delas futuros homens inúteis, frustrados, cheios de complexos, com uma vida psíquica completamente deturpada.

Mais comentários, para quê? Tenho a certeza de que o drama desta criança ficará gravado dentro de cada um de nós.

Cine-Académico

apresenta esta temporada

«Saídos da Casca»

com: MANUELY ADRIANY e ANNE MARY

É um filme de grande metragem, colorido

Conta-nos a história de dois professores que se unem para juntar o útil ao agradável, na carreira do professorado

Chamamos a atenção dos espectadores para a grande interpretação do «MANUELY», actor já conhecido nas nossas felas através do filme-documentário:

«DOCA-SECA»

(Esperamos que os actores arrependidos dêem entrada num convento).

S. S. A.

(Serviços Secretos do Arauto)

Há alguns dias, um dos nossos competentíssimos detectives descobriu que no Jardim Público e fora de horas andava uma «GATA» na «LINGUIÇA», servindo a primeira de «pau-de-cabeleira» à segunda, que lhe pareceu, (já era escuro) estar muito ocupada.

Aquando da recente excursão à ilha Terceira, dos alunos finalistas da Escola do Magistério Primário, o nosso enviado especial, fez-nos constar certas notícias que envergonhadamente publicamos.

As meninas M. L. e L. M. deixaram um rebanho de conquistadores nalguns meios conhecidos como «Lobos Maus», com os olhos fora das órbitas.

Lamentamos o sucedido mas já esperávamos que tal sucedesse.

Era um rebanho demasiado grande para um só pastor...

Para o caso apresentado Não há perdão a ser dado Fica o «duo» condenado A que seja engavetado E «tá» o caso arrumado

Este espaço estava reservado à publicação duma poesia da suposta autora «Maria Luisa Marcos Medeiros», como colaboração do Externato da Madalena, mas visto essa poesia já ter sido publicada por outro autor na revista «Família

Cristã», avisamos todos os interessados que a poderão encontrar no N.º 2, na biblioteca da nossa redacção.

Para a «pseudo-escritora» que se inicia nas páginas do nosso jornal, os nossos sinceros parabéns.



O Jorge conseguiu o «vigentíssimo» engate deste ano lectivo e como prova de solidariedade para com ele fazemos uma publicação supra da sua fotografia e avisamos alguma outra interessada que ele se encontra livre desde o passado dia 25 de Abril.

Foge, Jorge que aí vem a bola!

Está-se notando um certo interesse da parte dos alunos do 7.º ano pelas meninas do magistério, que culminou com o namoro do Fialho e Ferreira.

Para os alunos que tão zelosamente se debruçam sobre os problemas do ensino primário e suas futuras mentoras, aqui fica expressa a nossa admiração por tão sublime trabalho, em prol da comunidade.

Até quando?

SÃO ASSIM OS ESTUDANTES